

## CENSURA SELETIVA: A ARTE COMO ESPELHO DE PROBLEMÁTICAS RELATIVAS ÀS QUESTÕES DE SEXUALIDADE.

Ana Renata Meireles<sup>12</sup>

Ao tratarmos de um conceito extremamente consolidado, inclusive sob o prisma político<sup>13</sup>, faz-se oportuno iniciarmos nossa reflexão a partir da ferramenta que nos dispõe as significações de forma mais clara: o dicionário. A partir dessa busca, aferimos uma variedade de definições, das quais algumas nos interessam de forma direta:

“1. Ato ou efeito de censurar. 2. Exame de trabalhos artísticos ou de material de caráter informativo, a fim de filtrar ou proibir o que é inconveniente do ponto de vista ideológico ou moral. (...) 9. [psicologia] Mecanismo psíquico em que os desejos e impulsos condenáveis são condenados e reprimidos no consciente. 11. [religião] Pena aplicada ao pecador, com o intuito de reparar a culpa. 12. [religião] Condenação de obras artísticas por parte da Igreja.”<sup>14</sup>

Destrinchar de que nos serve cada um dos significados nos casos de censura nas artes

Tomando por referência a complexidade do conceito anteriormente apresentado, se torna clara a recorrência da censura ao longo da história da arte. Diferente do que supõe o lugar comum, isso não remonta a algumas décadas atrás, quando em momentos de repressão política explícita como a ditadura militar ou outros momentos de opressão acentuada como os que desencadearam a Segunda Grande Guerra. Como primeiro exemplo de censura à liberdade da criação artística, podemos citar o julgamento do artista Paolo Veronese, ainda no século XVI. Sua pintura da Santa Ceia foi considerada demasiado festiva, de modo

<sup>12</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes.

<sup>13</sup> Prática supostamente vetada segundo texto de nossa Constituição.

<sup>14</sup> MICHAELIS Dicionário, 2018.

que lhe foi exigida a modificação no conteúdo da obra para se alinhar à sacralidade do tema que lhe dava nome. Como resposta, Veronese alterou o nome da pintura para que se alinhasse à liberdade, passando a denominá-la *Ceia em Casa de Levi*<sup>15</sup>. Uma saída astuta para burlar aquilo que poria fim a uma das coisas que faz da arte o que é: o potencial de criação. De toda forma, a obra não pode ser aquilo a que se propunha em sua criação.

Para que não pensemos que essa tentativa de controle de instituições sobre a arte ficou no passado, temos exemplos bastante recentes, sobretudo no cenário brasileiro. Na década de 1950, temos o nosso primeiro registro de caso, ocasião em que o tríptico de Ernesto Frederico Scheffel foi retirado do tradicional Salão Nacional de Belas Artes por ser considerado pornográfico (figura 1).

Antes de avançarmos cronologicamente nos casos que relataremos, algumas pequenas observações são importantes que mantenhamos em mente. Embora se trate de uma discussão bastante interessante, essa que busca diferenciação clara entre erotismo e pornografia, é sempre inconclusiva. Esse limiar, além de tênue, é bastante flexível. Por isso, não tomaremos essa separação como parte de nosso empenho aqui e retornaremos para a questão da censura. Podemos tomar tal atitude porque nos acontecimentos em que tratamos neste texto os conceitos são deturpados constantemente pela moral, de modo que buscar uma aproximação à diferença desses conceitos neste contexto seria quase inútil. Além disso, em alguns casos, não há cunho erótico ou pornográfico algum nas obras postas em questão. Apenas o corpo e suas expressões. Isso já parece ser o suficiente para que a arte, no lugar em que se considera que ainda ocupe, tenha sua liberdade perseguida.

Outra questão é essa do lugar da arte. Não estamos mais nos tempos de Santo Agostinho, onde a arte se propunha a um papel edificante ou doutrinador. Ao contrário, conforme nos aproximamos da contemporaneidade, mais evidente se mostra seu devir questionador.

O que espanta é que, em meio a essa “comoção” os retrógrados embutem a concepção de que a “verdadeira” arte eleva, transcende, conforta, nos põe em contato com o numinoso, se torna um “alívio” ou expurgo das durezas da vida.

Respeitável público: arte não é religião, não exige reza e nem tem igreja. Pode propiciar, sim, uma suspensão momentânea do comezinho humano, mas comumente provoca, confronta, questiona e põe o dedo na ferida em tudo aquilo que é humano, demasiado humano.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> COLI, 2010.

<sup>16</sup> MEDEIROS, 2017. Sua colocação se passa no momento do fechamento da exposição *Queermuseu* no Santander Cultural em Porto Alegre, RS.

Portanto nada mais coerente do que tratar das questões relativas à sexualidade nesse território, já que são parte de nós e de nossa sociedade. Suscitar debates e questionamentos seria uma tarefa natural, não fosse o embate com a moral que isso implica.

Assim como a atividade sexual e a experiência da morte, a atividade estética representa no processo evolutivo uma ignição para a vida. Uma espécie de atualização de um estado corporal sempre latente e fundamentalmente necessário para nossa sobrevivência. Isso significa que todo corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo. Mas, dessa experiência, necessariamente arrebatadora, nascem deslocamentos de pensamentos que serão, por sua vez, operadores de outras experiências sucessivas, prontas a desestabilizar outros contextos (corpo e ambientes) (...) <sup>17</sup>

E essa moral, recentemente, tem se mostrado em progressão fundamentalista, segundo o antropólogo Stuart Hall e o escritor Didi-Huberman, criando interditos à atividade estética que Greiner aponta como essencial. Ambos refletem sobre essa necessidade de se criar a ilusão de uma unidade identitária, onde o que é diferente deve ser combatido. E, envolvida de maneira central nesse processo, uma escalada no entrosamento entre política e religião vem se mostrando altamente eficaz na imposição dessa censura.

Em 1991, temos a nossa primeira exposição de temática inspirada pela sexualidade. De curadoria de Ivo Mesquita, “Desejo na Academia” esteve na Pinacoteca do Estado de São Paulo até o ano seguinte. Nossa primeira experiência só ocorre vinte e três anos mais tarde, portanto, do que a primeira exposição internacional de arte erótica, na Suécia. Com obras de artistas acadêmicos, a arte exposta ainda se concentrava primordialmente em parâmetros estéticos, formais, o que pode ter colaborado para maior aceitação.

Em 2005, o curador Tadeu Chiarelli assina a curadoria da exposição “Erotica: os sentidos na arte”, cujo projeto envolvia as três sedes do Centro Cultural Banco do Brasil – São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Entretanto, no período em que a mostra veio de São Paulo – onde foi bem recebida – para o Rio de Janeiro em 2006, uma figura política apresentou uma notícia-crime por considerar a obra *Desenhando com Terços* (figura2), de Márcia X, ofensiva. Feito o alarde, a Igreja se posicionou também exigindo a retirada da obra da exposição. O resultado foi a instituição cedendo a essas demandas e excluindo a fotografia do conjunto de obras exibido e, posteriormente, o cancelamento da ida da exposição para Brasília. Tudo isso mesmo diante do posicionamento do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, contra a censura e a favor da liberdade da arte.

<sup>17</sup> GREINER *apud* CANTON, 2013.

Em mais uma situação em que é tomada como artifício para fins de manipulações políticas, em 2017, um grupo incita manifestações, sobretudo em redes sociais, contra uma exposição que propunha um diálogo sobre a diversidade. Tratava-se da “*Queermuseu: cartografias da diferença na arte*”. Coincidência ou não, o escândalo se iniciou justo quando ocorreria uma importante votação ligada a reformas políticas e econômicas que vinham sendo postas em pauta desde o recente processo de impeachment da presidente anterior. A mostra sofreu acusações de apologia à pedofilia e à zoofilia, sem que houvesse qualquer coisa de tal natureza. Mas o conservadorismo foi vencedor, de modo que o Santander Cultural, em Porto Alegre, fechou a exposição prematuramente, atendendo aos supostos clamores sociais (figura 3). Dizemos supostos pois já ficou comprovada a utilização de robôs replicando as críticas negativas e os discursos opressores nas redes sociais<sup>18</sup>. Outra forma de demonstrar que não foi mais do que uma manobra política de manipulação pela moral foi o apoio à remontagem da exposição no Rio de Janeiro neste ano de 2018. A Escola de Artes Visuais do Parque Lage recebeu a mostra depois de conseguir, através de *crowdfunding*, mais do que a verba necessária para tal. Por fim, basta lembrarmos que a pintura causadora da maior polêmica já havia sido exposta em ocasiões anteriores – inclusive ainda no início da década de 1990 no Museu de Arte Moderna do Rio – sem causar qualquer tipo de reverberação negativa, de constrangimento ou ofensa<sup>19</sup>. Esse caso nos mostra de maneira especialmente clara a importância crucial do comprometimento institucional com a liberdade da arte. Mas também a relutância política em conceder liberdade – e, portanto, identidade, direitos, espaços, lugares de fala etc – à diversidade.

É importante que notemos que os acontecimentos mais recentes, que são também os mais radicalmente censores, são justamente aqueles que se passam depois de toda uma trajetória de “revoluções sexuais”. Da mesma forma, depois de um suposto processo de democratização da arte. O que isso parece ocasionar é uma percepção de possível demanda de reconfiguração propositiva da arte, sem jamais abrir mão de sua liberdade, mesmo diante – e, talvez, sobretudo por essa razão – dessa união entre política e religião tentando aprisioná-la sob seus interesses.

É precisamente na fronteira legislativa entre o que pode ser representado e o que não pode que a operação pós-modernista está sendo encenada – não no sentido de transcender a representação, mas no sentido de expor o sistema de poder que autoriza certas representações enquanto bloqueia, proíbe ou invalida outras.<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> Conforme demonstra pesquisa sobre o caso feita pela Fundação Getúlio Vargas.

<sup>19</sup> Trata-se da obra *Cena de Interior II*, 1992, de Adriana Varejão.

<sup>20</sup> OWENS, 2009.

Não há dúvida: de um ponto de vista histórico, nem sempre situações de censura, de restrição, de controle e patrulhamento sobre o ato de criar bastam para reduzir as forças da arte. Às vezes, ou antes, com frequência, essas situações terminam por estimular a criação. (...) [Ainda] Que a censura seja sempre – de um ponto de vista das mais profundas convicções éticas – algo abominável e indesejável não há dúvida<sup>21</sup>.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTON, Katia. *Corpo, Identidade e Erotismo*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

COLI, Jorge. *O corpo da liberdade*. COLI, Jorge. *Sobre a liberdade na arte*. In: *O corpo da liberdade: reflexões sobre a pintura do século XIX*. São Paulo: Cosac Nayfi, 2010.

DICIONÁRIO MICHAELIS Online. Melhoramentos, 2018.

Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/>

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MEDEIROS, Afonso. *Sobre o ataque do MBL à exposição Queermuseu em Porto Alegre*. In: *Vitruvius Drops*, ano 18, nov. 2017.

Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/18.122/6786%3E>

OWENS, Craig. *The discourse of others*. In: PRECIOZI, Donald (org) *The Art of Art History*. Nova Iorque: Oxford, 2009.

---

<sup>21</sup> COLI, 2010.

## FIGURAS



Figura 1 – Obra de Scheffelt retirada do Salão Nacional de Belas Artes na década de 1950.



Figura 1 – Desenhando com Terços, de Márcia X, censurada em 2005.



Figura 3 – Manchete do caderno de Cultura do jornal El País.